



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Candomblé na Cidade de Goiânia: Modernidade e Migração

Clarissa Adjuto Ulhoa
Universidade Federal de Goiás
clarisau@gmail.com

Em meados dos oitocentos, enquanto o sacerdote Bambochê implantava as bases de um dos mais remotos terreiros nascidos em território carioca, momento no qual o candomblé partia pela primeira vez para destinos que, ainda desconhecidos, apontavam para muito além das cercanias baianas, a capital goiana tardaria mais ou menos oitenta anos para ser ao menos construída. E seriam necessários outros trinta e cinco para que o candomblé nela se implantasse, o que ocorreu aproximadamente cento e cinquenta anos após o nascimento do mesmo em tempos coloniais. Foi preciso, portanto, muito tempo para que finalmente se tornasse parte do cenário da jovem e planejada capital. Jovem porque nasceu somente nos idos dos anos trinta, quando a maioria das capitais brasileiras já completavam muitos anos de existência; e planejada porque se delineou como o avesso da espontaneidade presente em tantos outros centros urbanos, tendo em vista que se constituiu como um projeto pautado pelos desígnios da modernidade, determinadores, pois, de um suposto controle racionalizado dos espaços sociais e urbanos. Foi para escapar do estigma de “lugar isolado, onde os benefícios da modernidade não podiam penetrar; local atrasado, que está atrás dos outros, portanto em grande desvantagem” (MELLO, 2006: 31) que a nova capital goiana saíria do papel para se tornar uma realidade, de modo que “trazia consigo um conteúdo simbólico que apontava para ideais de novos tempos de desenvolvimento e progresso” (MELLO, 2006: 31). Principalmente porque desta maneira “pretendia-se que a cidade fosse o marco da passagem para uma nova etapa da história: isso significava que a sua construção era um ato de quebra de estigma, ou seja, de ressignificação” (MELLO, 2006: 31).

Uma sociedade se apresenta enquanto moderna quando demonstra ser perpassada pela mudança constante, rápida e permanente (HALL, 2002). Esta consiste, inclusive, na mais importante distinção que a sociedade compreendida como moderna possui em relação às sociedades ditas “tradicionais”. Nestas últimas, o “passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

gerações”, compreendendo, portanto, a tradição como “um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes” (GIDDENS, 1990 apud HALL, 2002: 14-15). Nas sociedades modernas, por outro lado, além da convivência com as rápidas, abrangentes e contínuas mudanças, se desencadeia uma “forma altamente reflexiva de vida” (HALL, 2002: 15), por meio da qual “as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, o seu caráter” (GIDDENS, 1990 apud HALL, 2002: 15). Nesse sentido, para a sociedade goiana ser reconhecida como moderna, mudanças profundas e substanciais deveriam ser encaminhadas, principalmente na busca por escapar do “tradicional”. Desta maneira, as ruas estreitas, os becos e as habitações em estilo colonial, que tão naturalmente revelavam a Cidade de Goiás, foram substituídos pelas amplas avenidas e grandes construções que esperançosamente desenhavam o novo centro administrativo goiano.

Entretanto, a modernidade resguarda em si outros sentidos discursivamente delineados de acordo, claro, com distintas perspectivas. Na perspectiva da economia, por exemplo, tornar-se moderno significa promover o aceleração da produção e o aumento dos lucros, o que no cenário goiano se deu principalmente após a chegada da estrada de ferro nos idos da década de 1920. Este meio de transporte atuou como dinamizador do escoamento de gêneros alimentícios produzidos sobretudo no sudoeste goiano, ao mesmo tempo em que permitiu que novos centros urbanos nascessem nas proximidades de suas estações. Paralelamente a isso, o florescimento desta região “fez surgir um novo pólo econômico para o estado e, portanto, novos representantes políticos despontaram (...) contrapondo-se aos tradicionais líderes oriundos das oligarquias instaladas, principalmente na capital do estado”, de modo que “o poder econômico do estado não coincidia com o poder político” (MELLO, 2006: 34). Pedro Ludovico Teixeira, um dos mais destacados incentivadores da mudança da capital, liderou o processo de combate aos grupos oligárquicos, e se tornou um importante representante do grupo econômico ascendente. Entretanto, somente após a denominada revolução de 1930 ele adquiriu poderes, autonomia e apoio suficientes para concretizar os planos mudancistas, sobretudo porque ascendeu ao cargo de interventor do recém-inaugurado governo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Vargas. Desta maneira, interesses regionais foram de encontro com interesses federais, estes últimos pautados na Marcha para Oeste que, para o presidente, consistia no

(...) rastreamento da campanha dos construtores da nacionalidade, dos bandeirantes e dos sertanistas, com a integração dos modernos processos de cultura (...). Precisamos promover esta arrancada sob todos os aspectos e com todos os métodos a fim de sanar os vácuos demográficos do nosso território e fazer com que as fronteiras econômicas coincidam com as fronteiras políticas (VARGAS, 1940 apud MELLO, 2006: 34-35).

Um segundo exemplo pode ser encontrado no âmbito dos discursos higienistas que, nascidos na Europa durante os oitocentos, se tornariam especialmente potentes no século seguinte. De acordo com estes discursos, tornar-se moderno seria o mesmo que exterminar as doenças e as epidemias que comprometiam a população, sobretudo por intermédio das práticas de higiene e de saneamento básico. Notadamente importantes para os parâmetros da sociedade brasileira da época, estes discursos também seriam usados para subsidiar os argumentos que favoreciam a transferência da capital goiana, pois se considerava que a Cidade de Goiás “não tinha condições sanitárias adequadas e que uma nova capital, projetada conforme padrões de higiene convenientes, viria satisfazer as exigências de uma ‘cidade moderna’” (MELLO, 2006: 36). Em documento datado de 1890 e escrito pelo presidente da assembléia do estado, Rodolfo Gustavo da Paixão, o sistema de esgotos da antiga capital recebe a seguinte descrição: “os materiais fecais sem escoamento entram em rápida decomposição e exalam deletérios miasmas e absorvidas pelo subsolo (...) comunicam-se com os poços de serventia, de ordinário abertos nas proximidades daqueles focos de infecção (...)” (PAIXÃO, 1890 apud MELLO, 2006: 36-37). Este documento, considerado grande meio de convencimento, acabou anexado ao relatório que Pedro Ludovico mandou no ano de 1933 ao presidente do país, na tentativa de expor os motivos que pautavam os planos mudancistas. Desta maneira, a promessa de uma cidade limpa e arejada, pensada para atender aos quesitos da higiene e do saneamento, anunciou, nacionalmente, o nascimento da nova Goiânia.

Em ambos os exemplos apresentados, percebemos o modo como a busca pela modernidade pressupõe o uso dos modelos de urbanidade e civilidade europeus enquanto espelhos, enquanto metas a serem perseguidas incansavelmente, mediante o iminente risco de mergulhar ou permanecer no “arcaísmo” e na “barbárie”. Eram, portanto, somente os modelos europeus de economia e de saneamento que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

representavam a chance da sociedade brasileira caminhar para o progresso. Isso demonstra que a modernidade nasceu e se pautou em uma perspectiva eurocentrada de mundo. Sendo assim, desde antes da construção da cidade goianiense, o modelo europeu seria perseguido pelos seus idealizadores. Um dos principais exemplos desta procura se encontra expresso no primeiro plano urbanístico da nova capital que, desenhado pelo arquiteto Atilio Correia Lima, em 1933, se inspirou em cidades européias como Versalhes e Karlsruhe, situadas respectivamente na França e na Alemanha, além da cidade norte-americana de Washington. Um dos elementos urbanísticos comuns entre estas quatro metrópoles consiste no uso do “asterisco”, nome dado ao processo de convergência de vias para um ponto situado no centro (MELLO, 2006), o que no caso da capital goiana se expressou pela convergência em direção à Praça Cívica de importantes avenidas, entre elas a Araguaia, a Goiás e a Tocantins. Também possuíam mais um ponto em comum: o estilo adotado por seus arquitetos, o chamado barroco, que possuía, entre outras coisas, “tendência à geometrização das formas, que denotava a necessidade de controle do espaço” (MELLO, 2006: 40).

É importante, no entanto, que consideremos que esta mesma modernidade, eurocêntrica por excelência, se gestou em pares dicotômicos que opunham os europeus, representantes da superioridade racial, da razão, da ciência e do progresso, às demais sociedades do mundo, as quais supostamente representariam a inferioridade racial, a tradição, a irracionalidade, a credice e a barbárie. Nesse sentido, importa mencionarmos que o discurso da modernidade nasce e se pauta no contexto do sistema colonialista, momento em que os europeus se deparam com uma nova alteridade e constroem diante dela o discurso de sua própria potência. Em outras palavras, a modernidade “leva nos ombros o pesado fardo e responsabilidade da colonialidade” (MIGNOLO, 2003: 66). Diante disso, nos propomos a compreender a modernidade de acordo com o que se chamou de “colonialidade do poder”, que consiste em “um modelo de poder especificamente moderno que interliga a formação racial, o controle do trabalho, o Estado e a produção de conhecimento” (QUIJANO, 2001 apud TORRES, 2010: 414). É por meio desta perspectiva que se torna possível considerar o papel constitutivo da colonialidade na idéia do moderno, pois “a colonialidade do poder abre uma porta analítica e crítica que revela o lado mais escuro da modernidade e o fato de nunca ter existido, nem poder vir a existir, modernidade sem colonialidade” (MIGNOLO, 2001 apud



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

TORRES, 2010: 415). E quando se leva em consideração o papel da colonialidade na construção do moderno, se torna imperativo que enxerguemos os modos de subalternização dos saberes, das epistemes e das cosmogonias que compunham as sociedades perpassadas pelo histórico domínio político-cultural colonialista europeu.

De acordo com o discurso moderno, a ciência e a empiria consistiriam nos únicos parâmetros legítimos de interpretação do mundo circundante, de modo que quesitos como, por exemplo, as demonstrações, as leituras e as narrativas relacionadas à fé, deveriam ser deslegitimadas e prontamente descartadas. Entretanto, apesar desta subalternização, as explicações ligadas aos mitos e às crenças escapariam por entre as frestas da muralha moderna, mesmo porque, antes de qualquer coisa, são também pedras responsáveis por sedimentar as extensões desta mesma muralha. Foi o que ocorreu em relação ao plano urbanístico da cidade goianiense que, embora tenha sido pautado pelo controle, pelo cálculo, pela geometria e, portanto, pela ciência, acabaria, quando entregue à apreciação coletiva, recebendo outras interpretações e outros sentidos, os quais possivelmente não estavam previstos no momento de sua criação. Desta maneira, o próprio plano urbanístico terminaria transformado, principalmente porque, por meio do traçado urbano e da arquitetura, se torna “possível vislumbrar um universo oculto de significados formulados por aqueles que vivenciaram e vivenciam, formularam e formulam os espaços concretos e os espaços imaginários da cidade” (MELLO, 2006: 29). Foi nesse sentido que nasceu, e ainda se perpetua entre alguns moradores da cidade, a crença de que uma inspiração divina guiou a montagem do plano urbanístico da capital, inspiração esta atribuída a Nossa Senhora da Aparecida, santa que teria emprestado os seus contornos ao centro administrativo goiano (*FIGURA 1*).

A projeção de Nossa Senhora da Aparecida no tecido da capital de Goiás, curiosamente, não se diluiu com o passar do tempo, pois não perdeu o seu conteúdo cultural. Ao longo das sete décadas de vida da cidade, manteve sua capacidade representativa e o poder de requalificar-se simbolicamente diante de novas gerações e das sucessivas ondas de migrantes (MELLO, 2006: 56).

FIGURA 1

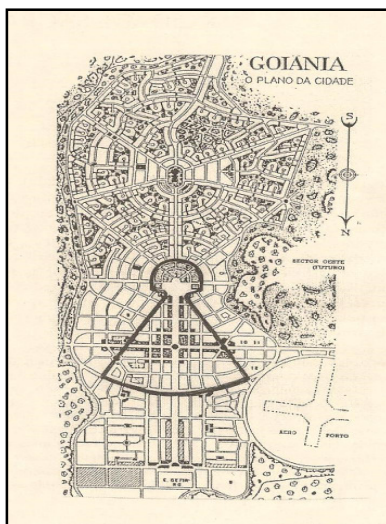


» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina



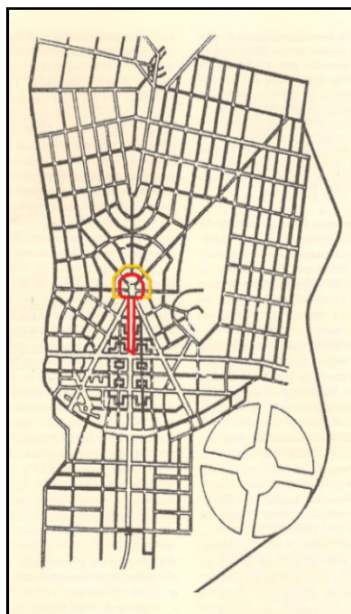
Fonte: MELLO, Márcia M. de. Goiânia:
Cidade de Pedras e de palavras. Goiânia:
UFG, 2006.

Diante desta reinterpretação podemos perceber a existência, e até mesmo o embate, entre dois tipos de explicações possíveis, ambas impressas nos contornos da cidade. De um lado se encontram as explicações baseadas na ciência urbanística, as quais demonstram que a similaridade com a imagem da santa ocorre devido ao mencionado “asterisco”, associado ao “pate d’oie” (pé de pato), “nome dado ao recurso de desenho urbano que faz convergir três avenidas para um centro comum” (MELLO, 2006: 51), de modo a partirem em direção ao núcleo onde se encontra instalado o aparato do poder político-administrativo, dando, desta maneira, bastante destaque ao mesmo. De outro lado se encontram as explicações baseadas na crença religiosa, que, embora não se pautem em cálculos e medidas, também apresentam conexões logicamente postas, especialmente porque associam os contornos da cidade à população majoritariamente católica que a compõe. Percebemos, portanto, que a representação da santa no plano urbanístico goianiense insurge contra o projeto moderno-europeizante, pois nele se imprime o que na perspectiva da modernidade se consideraria credice, superstição, irracionalidade. Esta representação, imbuída de um caráter religioso, se apresenta como produto do que entendemos como “pensamento liminar”, que consiste no conhecimento construído em uma perspectiva subalternizada, concebido, pois, nas margens externas do chamado sistema mundial-colonial moderno (MIGNOLO, 2003).

Desta maneira, no início da década de setenta, o candomblé se instalou em uma cidade que, distintamente das demais por onde passara, nasceu como um centro urbano planejado, pensado, pois, para atender aos requisitos do discurso moderno e para

permanecer resguardada de tudo o quanto pudesse soar arcaico, irracional. Era também uma cidade intimamente perpassada pelos símbolos e sentidos do catolicismo, o que, como vimos, contribuiu para o modo como os moradores a compreenderam e a representaram. Sendo assim, imaginamos que a presença do candomblé perturbou determinados modelos, pois não se apresentou apenas como mais uma religião a disposição dos goianienses, mas também, e principalmente, como um lócus de onde irradiariam novas representações sobre a cidade, as quais foram igualmente gestadas enquanto consequência do “pensamento liminar”. Foi nesse sentido que um importante sacerdote do candomblé goianiense imprimiu uma nova representação a respeito não apenas da cidade, mas de todo o estado, agora com base nos mitos afro-brasileiros: *“Essa terra aqui, Goiás, é de três Orixás: Oxum, Xangô, e Oxóssi; Oxum por causa dos lagos, porque aqui tem muita mina; então, ela nasce de uma mina, a Oxum; Xangô por causa das pedreiras, muita pedra; e Oxóssi por causa das matas”*¹. De acordo, portanto, com esta nova leitura, o mesmo plano urbanístico que para uns continha a imagem de Nossa Senhora, quem sabe podia para outros conter os contornos do espelho de Oxum, denominado “abebê”, elemento ritual representativo desta divindade (FIGURA 2 e 3).

FIGURA 2*



Fonte: MELLO, Márcia M. de. *Goiânia: Cidade de Pedras e de palavras*. Goiânia: UFG, 2006.

FIGURA 3



Fonte: terradosorixas.blogspot.com

¹ Fala proferida pelo sacerdote João de Abueque no documentário “Coração de Olorum” (2005), dirigido por Ceiza Ferreira e com duração de dezesseis minutos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Para os mudancistas que atuaram nos anos trinta e para os demais partidários do discurso da modernidade goiana, o estabelecimento de um terreiro candomblecista no perímetro da capital provavelmente consistia em algo impossível, impensável e improvável, mesmo tendo o candomblé iniciado, desde antes desse período, o seu crescente processo de deslocamento e expansão para todo o país. Isso porque o candomblé, se pensado de acordo com o discurso moderno, se encontra situado no extremo oposto dos ideais de progresso e de racionalidade, especialmente por ser uma religião afro-brasileira e estar, portanto, conectada ao continente africano. E sabemos que “distorções, simplificações e generalizações de sua história e de suas populações são comuns a várias partes e tempos do mundo ocidental” (OLIVA, 2003), o que contribuiu para que as sociedades africanas acabassem historicamente relacionadas às concepções de selvageria, atraso e barbárie, colocadas, portanto, na via-versa da modernidade eurocêntrica. Entre as mais citadas simplificações sobre as sociedades africanas, destacaremos aquelas expressadas pelo pensador Friedrich Hegel, na primeira metade dos oitocentos, de acordo com as quais o continente africano não poderia possuir história, pois “não tem movimentos, progressos a mostrar, movimentos históricos próprios dela” (HEGEL, 1995). De acordo com as palavras de Friedrich Hegel, “quer isto dizer que sua parte setentrional pertence ao mundo europeu ou asiático”, de modo que “aquilo que entendemos precisamente pela África é o espírito a-histórico, o espírito não desenvolvido, ainda envolto em condições de natural e que deve ser aqui apresentado apenas como no limiar da história do mundo” (HEGEL, 1995: 174).

Diante disso, ao recordarmos o modo como a sociedade goianiense da primeira metade dos novecentos procurou incessantemente se inserir no eurocêntrico modelo de modernidade, supomos que tudo o quanto parecesse não-moderno acabou combatido com intensidade extrema, mesmo que apenas subjetivamente. Desta maneira, também supomos que este tenha sido um dos motivos que concorreu para que o candomblé se inserisse na cidade goianiense somente na década de setenta, isto é, aproximadamente trinta e cinco anos após o nascimento da mesma, como apontamos anteriormente, o que consideramos uma inserção relativamente tardia. Especialmente se nos atentarmos para a numerosa quantidade de migrantes nordestinos, inclusive baianos, que trocaram seus locais de origem pelas oportunidades expressas nas propagandas do governo goiano daqueles tempos; propagandas que tinham como intuito central arregimentar moradores



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

e mão de obra especializada para a construção do novo centro urbano. Para tanto, de acordo com o discurso nelas expresso, surgia no centro do país uma cidade de muitas oportunidades, sobretudo de trabalho e moradia, onde grandes realizações eram possíveis. É o que podemos notar em um anúncio dos anos quarenta, que apresenta em destaque o sugestivo slogan que propõe: “Enriqueça quatro vezes mais”. Este anúncio demonstra o grande investimento direcionado a atrair novos moradores, principalmente na oferta de lotes a preços e prestações acessíveis, bem como no uso de imagens que exibem uma cidade próspera, de promessas, de avenidas largas e de sólidas construções.

Enganosas ou não, promessas como estas contribuíram decisivamente para o deslocamento, nos anos trinta e quarenta, de inúmeros nordestinos desejosos de escaparem da seca e de suas conseqüências. Dos anos cinqüenta em diante, aspectos relacionados ao processo de delineamento da sociedade urbano-industrial também contribuíram enormemente, de modo que sobretudo interesses econômicos, surgidos no panorama da passagem de sociedade eminentemente rural para urbana, tenham sido os principais motivadores da migração nordestina, especialmente para as metrópoles do sudeste brasileiro. Sendo assim, promessas e expectativas alimentaram o deslocamento de inúmeras pessoas, dentre as quais aquelas que, devido às precárias condições, resolveram ir a pé para a cidade goianiense, em jornadas que podiam durar até mais que dois meses. Cambiante de caso para caso, o tempo de caminhada dependia não apenas da distância em relação ao município de origem, como também das condições financeiras para dar prosseguimento à mesma, de modo que muitos trabalhavam provisoriamente nas cidades situadas ao longo da rota no intuito de angariar a quantia necessária para terminar a caminhada. Estes deslocamentos ocorriam quase sempre em grupos, como no caso do baiano César Francisco de Oliveira, que partiu em 1928: “Éramos dez irmãos e viemos todos de uma vez, vida dramática a nossa, a nossa não, de todos naquela época, nós saímos de Santana com quarenta famílias, nós saímos pra Goiás”². Sobre o modo como ocorria o trajeto, Adonias Orlando de Souza, que partiu de Irecê em 1939, nos conta:

Nós saímos com dois jumentos marcados na bruaca e, amarrado naquela bruaca, vinha as coisas de comida, milho. E a gente, quando era à noite,

² Entrevistado: César Francisco de Oliveira; Entrevistadora: Clarissa Adjuto Ulhoa; Local: Residência do entrevistado; Data: 12 de fevereiro de 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

*colocava o milho de molho, moía o milho, fazia um cuscuz, comia isso ali, e tocava [risos] a viagem*³.

De acordo com nossas pesquisas, os migrantes nordestinos eram majoritariamente provenientes das cidades do interior e, no caso dos migrantes baianos especificamente, provinham de municípios como Irecê, Santa Maria da Vitória, Correntina, Xique-Xique, Macaúbas, Santana, Lençóis, São Gonçalo e Feira de Santana. Também conhecida como Princesa do Sertão, a cidade de Feira de Santana, por exemplo, possuiu terreiros de candomblé desde antes dos anos trinta, pois, neste período, se divulgou no periódico “Feira do Norte” um texto em homenagem à Maria Raquel Almeida, uma prestigiosa sacerdotisa do candomblé feirense. Neste mesmo periódico, se publicou, em 1966, a relação dos terreiros presentes na cidade entre os anos quarenta e sessenta, somando vinte e oito candomblés ao todo (OLIVEIRA, 2010). Já no município de Lençóis, situado na região da Chapada de Diamantina, podemos apontar a presença de uma religião afro-brasileira chamada jarê, que tem seu nascimento situado em meados dos oitocentos. Pode ser definida como uma variante do candomblé de caboclo, uma “vertente menos ortodoxa do candomblé, resultante de um complexo processo de fusão, no qual à influência dos cultos banto e iorubá, sobrepuseram-se elementos do catolicismo rural, da umbanda e do espiritismo kardecista” (ALVES & RABELO, 2009: 2). Entretanto, embora municípios como estes tenham comportado terreiros, os documentos indicam que migrantes advindos dos mesmos não implantaram as mencionadas práticas em terreno goianiense entre os anos trinta e sessenta.

Foi aparentemente necessário aguardar pela inauguração e pelas influências dos anos sessenta, permeado pelo movimento da contracultura⁴ e pela reorientação da política internacional brasileira⁵, para que mudanças essenciais permitissem a chegada

³ Entrevistado: Adonias Orlando de Souza; Entrevistadora: Clarissa Adjuto Ulhoa; Local: Residência do entrevistado; Data: 20 de março de 2010.

⁴ Nascido na Europa e nos Estados Unidos, este movimento se iniciou a partir da quebra de determinados modelos até então estabelecidos, sobretudo em relação aos “modos de vida e aos códigos intelectuais, quando a racionalidade foi posta sob suspeição, assim como a crença completa no conhecimento universitário e seus modelos fechados de explicação do mundo” (PRANDI, 2006: 102). Eram, pois, os anos “da recuperação do exótico, do diferente, do original”, momento em que “a juventude ocidental ilustrada rebelou-se, tomou gosto pelas civilizações orientais, seus mistérios transcendentais e ocultistas” (PRANDI, 2006: 102). Naqueles tempos, enquanto a juventude européia e norte-americana saía em busca dos gurus do Himalaia, os brasileiros retornavam à Bahia.

⁵ Dois principais períodos se destacaram no processo de deslocamento do candomblé e ambos se pautaram nos trâmites da busca pela sobrevivência empreendida por inúmeros migrantes nordestinos. Em um primeiro momento, eventos como o estabelecimento da nova capital imperial, o término do sistema



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

do candomblé em Goiânia. Em períodos anteriores, enquanto a nova capital completava suas primeiras décadas de existência, prevaleciam as características do governo que mais radicalmente perseguiu as religiões afro-brasileiras, o governo de Getúlio Vargas (CORREA, apud ORO, 2008). Nesse sentido, o duradouro alinhamento dos governantes goianos aos ideais varguistas, os quais perpassaram todo o processo de construção da cidade goianiense, pode ter também contribuído para que o candomblé tardasse a ser implantado, mesmo que alguns dos seus adeptos tenham se deslocado entre os migrantes nordestinos. Por outro lado, também consideramos a possibilidade de poucas pessoas serem candomblecistas entre os migrantes chegados à capital, o que pode, de certo modo, ter impedido possíveis articulações religiosas, principalmente se confrontados com o imponente poderio católico exercido na cidade desde antes de sua construção. Este poderio pode ser demonstrado, por exemplo, pela participação do Bispo goiano Dom Emanuel Gomes de Oliveira na comissão que escolheu o terreno onde seria erigida a nova capital, além do destaque que se destinou ao catolicismo no Batismo Cultural de Goiânia, evento de inauguração da cidade, ocorrido no ano de 1933. Para além deste poderio, depoimentos como o do citado baiano de Santana asseguram que entre os grupos de migrantes baianos chegados a Goiânia *“tudo era católico!”*.

Entretanto, sabemos que naqueles tempos muitos candomblecistas comumente se compreendiam também como católicos, a ponto de conciliarem atividades do terreiro às missas dominicais. Esta realidade perpassada por hibridismos dá amostras da complexidade do cenário goianiense que se delineou entre os anos trinta e sessenta. Especialmente se considerarmos que determinados migrantes baianos que se instalaram na cidade podiam assumir a identidade católica e ao mesmo tempo assentarem em seus quintais representações materiais dos Orixás, o que apenas poderia ser impedido por um atento aparato persecutório protagonizado não apenas por policiais como também por civis. Nesse sentido, imaginamos que se existiram terreiros ou cultos domésticos anteriores à década de setenta, data unanimemente apontada pelos candomblecistas

escravista, e, mais tarde, o cenário do início dos tempos republicanos, corroboraram para que numerosos migrantes baianos se direcionassem para a capital carioca nos derradeiros anos dos oitocentos. Em um segundo momento, mais precisamente após as décadas de cinquenta e sessenta, para além da intensa mobilidade de migrantes nordestinos, inúmeros outros motivos contribuíram para o aparecimento de um candomblé de maiores alcances nacionais. Entre eles podemos apontar a própria política internacional adotada a partir dos anos cinquenta, quando se deu o “renascimento africano na sociedade brasileira”, isto é, quando o continente africano passou a ser compreendido como um importante interlocutor no âmbito da economia e da política internacional brasileira (SANTOS, 2005).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

como marco do início do candomblé goianiense, os mesmos aparentemente não encontraram condições propícias para sua continuidade. E esta suposta presença, se verdadeira, se encontra aparentemente – e quem sabe provisoriamente – encoberta pela ausência de evidências documentais. Diante disso, nos pautaremos na década de setenta enquanto marco do início do candomblé goianiense, data que acabou corroborada não apenas pelos candomblecistas consultados, mas também por moradores antigos e desconectados do universo desta religião afro-brasileira. Perguntamos ao goiano Juca de Lima, nascido em 1926, se tomou conhecimento de terreiros de candomblé ou de despachos na cidade entre as décadas de trinta e sessenta. Ele nos respondeu:

Aqui em Goiânia não. Não nessa época que você fala, que eu estou colocando entre década de quarenta e sessenta mais ou menos. Não, nunca vi. Nessa época, por exemplo, quarenta, lá no Rio de Janeiro, que eu morei dois anos na Freguesia do Irajá, qualquer esquina lá você via despacho, qualquer esquina. Eu morava perto de uma esquina, assim, toda semana era dois, três despachos que tinha lá. Eu morava perto do cemitério, porque o cemitério lá pro carioca acaba sendo uma festa, eles fazem batucada de tudo [risos]⁶.

Embora pensada para atender aos desígnios da modernidade, bem como para se mirar em importantes centros urbanos europeus, a capital goiana permaneceu perpassada, especialmente em suas três primeiras décadas de existência, por características que, de acordo com o discurso moderno, são consideradas tipicamente provincianas ou mesmo retrógradas. Baseados no depoimento das pessoas que viveram os primeiros anos da cidade, percebemos impedimentos relacionados a uma infraestrutura urbana insatisfatória e “uma descrição de Goiânia bem longe de uma cidade moderna e cosmopolita e bem próxima dos valores provincianos das pequenas cidades” (OLIVEIRA, 2002: 22). Um dos principais exemplos desta realidade eram os problemas relacionados ao abastecimento de energia elétrica, que apresentou melhorias somente em 1959, após a construção da Usina Serra Dourada. Entretanto, não podemos ignorar determinados elementos que apontavam para o alinhamento aos desígnios do discurso moderno, como, por exemplo, a presença das casas-tipos, as quais recebiam rigoroso planejamento. Eram construídas pelo governo com base em cuidadosas especificações técnicas, como as relativas ao tipo de areia, ao saibro e às telhas, além de contarem com

⁶ Entrevistado: Juca de Lima; Entrevistadora: Clarissa Adjuto Ulhoa; Local: Residência do entrevistado; Data: 12 de fevereiro de 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

canalizações de água e esgoto, instalações elétricas e telefone. Mas ainda eram poucas as casas que seguiam esse padrão, de modo a dividirem o cenário com residências construídas por métodos tradicionais: com adobes e madeira (OLIVEIRA, 2002).

Nos idos dos anos sessenta, a cidade passou por importantes transformações, as quais possibilitaram o aparecimento de características que a aproximavam da idéia de metrópole, especialmente depois da inauguração de Brasília, situada a menos de duzentos quilômetros de distância da capital goiana, acontecimento que desencadeou “um surto de otimismo progressista que não se via desde 1942 nos festejos de inauguração da cidade” (OLIVEIRA, 2002: 25). Estas duas capitais, construídas segundo “as mais modernas teorias urbanísticas disponíveis em suas épocas, destinadas a serem centros administrativos e a trazer o progresso para o Brasil e para Goiás respectivamente, passaram a ser vistas como cidades-irmãs” (OLIVEIRA, 2002: 25). Deste modo, percebemos que o centro urbano no qual se instalou o primeiro terreiro goianiense não era mais aquele dos tempos dos apagões e das numerosas casas de adobes. Pelo contrário: o candomblé surgiu concomitantemente aos grandes prédios, que aos poucos mudavam a paisagem urbana da cidade, bem como ao aumento do número de automóveis e do delineamento de um sistema de transporte coletivo mais ou menos planejado (OLIVEIRA, 2002). Durante os anos setenta, o cotidiano e os costumes da sociedade goianiense mudavam substancialmente, o que podemos notar, por exemplo, pela maneira como os jovens deixavam de ir somente às festas promovidas nas casas de famílias para irem às novas boates e danceterias que surgiam, além da multiplicação de outros espaços de encontro, a exemplo dos clubes sociais, que antes se resumiam à existência do Jóquei Clube (OLIVEIRA, 2002).

Muitos jovens nasceram em Goiânia (quem nasceu em 1940 estaria com 20 anos nos anos 60) e ao contrário de seus pais, não moravam em cidades interioranas ou na zona rural – portanto cresceram com a mentalidade de que viviam em uma cidade cosmopolita e moderna o que, aliado aos novos valores transmitidos pelo cinema, televisão e rádio, tornava-os mais abertos à cultura moderna (OLIVEIRA, 2002: 29).

Também no universo das tecnologias, das artes e das práticas culturais, muitas mudanças contribuíram para os novos rumos tomados pela sociedade goianiense, principalmente após os anos sessenta. No primeiro ano desta década, nasceu a Universidade Federal de Goiás, com os cursos de Direito, Farmácia, Odontologia,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Engenharia, Medicina e Música. Foi precedida pela Universidade de Goiás, atualmente denominada Pontifícia Universidade Católica de Goiás, que contava com os cursos de Direito, Filosofia e Serviço Social. Concomitantemente ao nascimento das universidades, alguns literatos, reunidos em torno do denominado Grupo de Escritores Novos, inovavam a produção literária goianiense, expressa nas mais de oitenta obras publicadas entre 1963 e 1967, impulsionados pela retomada da estética modernista (OLIVEIRA, 2002). Era um momento de renovação também no cinema, quando, em 1966, se criou o primeiro cineclubes goiano, o Centro de Cultura Cinematográfica, que promovia amostras do cinema internacional, além de apoiar a produção de cineastas goianos, como se deu no caso do pioneiro longa-metragem intitulado “O diabo mora no sangue”, produzido por João Bennio (OLIVEIRA, 2002). Paralelamente a toda esta efervescência da cultura e das artes goianienses, aportava na cidade, no ano de 1967, o primeiro computador, seguido do primeiro telefone público moedeiro e da inauguração de uma central própria de Telex (OLIVEIRA, 2002). Estes tópicos, quando manipulados discursivamente, apontam para uma cidade moderna, adiantada e cosmopolita.

Importa, nesse sentido, recordarmos que o candomblé consiste em uma religião que nasceu e encontrou possibilidades para se expandir sobretudo para centros urbanos compreendidos como cosmopolitas⁷. Diante disso, somos levados a supor que somente a partir dos anos sessenta a capital goiana tenha começado a adquirir os contornos propícios para o seu estabelecimento, o que provavelmente se associou ao aumento populacional e ao crescente número de migrantes nordestinos, especialmente baianos, que desde os anos trinta escolhiam a cidade goianiense como destino e como berço de oportunidades, se apresentando, após os anos setenta, como grande maioria de migrantes (TABELA1). Para além destas questões, consideramos que o estabelecimento do candomblé na capital goiana no começo da mencionada década também advenha das

⁷ O Dicionário de Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda, aponta as seguintes dimensões para o termo: *Cosmopolita* [Do grego *kosmopolites*] S. 2g. 1. *Indivíduo que vive ora num país, ora noutro, adotando-lhes com facilidade usos e costumes.* 2. *Pessoa que se julga cidadão do mundo inteiro, ou para quem a pátria é o mundo: “Ele tinha viajado em toda a Europa..., era um cosmopolita na grande acepção filosófica da palavra, inteiramente lavado de preconceitos de raça e de nação.”* (Ramalho Ortigão, A. Holanda, p. 241). Adj. 2g. 3. *Que passa a vida a viajar em diversos países.* 4. *Que é de todos os países.* 5. *Que apresenta aspectos comuns a vários países: São Paulo é uma cidade cosmopolita.* 6. *Que sofre influência do estrangeiro: mentalidade cosmopolita.* 7. *Próprio de cosmopolita (1 e 2): costumes cosmopolitas.* 8. *Bot. Diz-se das espécies que se espalham pela maior parte do globo, espontaneamente.* (Holanda, 1996). No presente texto, entendemos a cidade cosmopolita como aquela na qual circulam influências culturais advindas de muitas partes do mundo, isto é, cujo centro irradiador não seja somente a Europa, muito embora assim deseje o projeto moderno eurocêntrico e progressista.



heranças deixadas pelo efervescente ano de 1968, este último marcado por novos “movimentos sociais”, como o feminismo, as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contra-culturais e anti-belicistas, bem como movimentos negros rearranjados, as lutas pelos direitos civis e pela paz. Desta maneira, compreendemos que o estabelecimento do candomblé em uma cidade planejada pelo pensamento moderno, eurocentrado e progressista, consista em somente mais um dentre muitos outros eventos que compõem um contexto mundial de “insurreição subalterna”. Nesta empreitada contra quaisquer projetos e impedimentos relacionados ao preconceito religioso, o candomblé goianiense contou principalmente com o axé dos “Orixás desta terra”: Oxum, Xangô e Oxóssi.

TABELA 1*

Tabela 21. População residente em Goiânia, provenientes de migração nos anos 70, 80 e 90 por lugar de nascimento e Região.

Lugar de nascimento	70	80	90	Total	%
Maranhão	3.923	7.672	95,56	11590	51,07
Piauí	3.046	4.853	59,32	5812	19,76
Ceará	3.290	6.347	92,92	8464	33,35
Rio GR. Do Norte	3.621	5.131	41,70	5148	0,33
Paraíba	2.046	3.129	52,93	3759	20,13
Pernambuco	2.554	3.745	46,63	4097	9,40
Alagoas	499	758	51,90	908	19,79
Fernando de Nor.	4	0	-100,00		
Sergipe	189	298	57,67	357	19,80
Bahia	19.450	29.474	51,54	34324	16,46
Total	38.622	61.407	58,99	74.459	21,25

Fonte: SILVA, Mônica Cristina da. Dinâmica Populacional do Território Goiano: Representação, crescimento e migração (1970-2004). Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFG, 2006.

* Destaque nosso.

Referências Bibliográficas

ALVES, Paulo César; RABELO, Miriam Cristina. Jarê: Religião e Terapia no Candomblé de Caboclo. In: *Anais do Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOLANDA, A.B. *Dicionário eletrônico Aurélio*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/Lexicon Informática, 1996.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

MELLO, Márcia Metran de. *Goiânia: Cidade de pedras e de palavras*. Goiânia: Editora da UFG, 2006.

MENEZES, Eleuzenira Maria de. *Migrações para Goiânia: Os nordestinos (1930-1970)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, UFG, Goiânia, 2004.

MIGNOLO, Walter. *Histórias Locais/Projetos Globais – Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Divisão de Editoração da Prefeitura do Rio de Janeiro, 1995.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares. Representações e Imprecisões na literatura didática. In: *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 25, no 3, pp. 421-461, 2003.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. *História Cultural de Goiânia*. Goiânia: Agepel/UEG, 2002.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *Aloísio Resende, poeta dos candomblés: Diáspora negra, identidade e conflito no interior da Bahia*. In: MNEME – Revista de Humanidades, Rio Grande do Norte, 11 (27), 2010.

ORO, Pedro Ari. *A discriminação contra as religiões afro-brasileiras: ontem e hoje*. Ciênc. Let., Porto Alegre, n. 44, 2008, pp. 301-318.

PRANDI, Reginaldo. Referências Sociais das Religiões Afro-Brasileiras: Sincretismo, branqueamento, africanização. In: BACELAR, Jeferson; CAROSO, Carlos (Orgs.). *Faces da Tradição Afro-Brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador: CEAO, 2006.

SANTOS, Jocélio Teles dos. *O Poder da Cultura e a Cultura do Poder: A disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil*. Salvador: Edufba, 2005.

SILVA, Mônica Cristina da. *Dinâmica Populacional do Território Goiano: Representação, crescimento e migração (1970-2004)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, UFG, 2006.

TORRES, Nelson Maldonado. *A Topologia do ser e a Geopolítica do Conhecimento: Modernidade, império e colonialidade*. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.